



PREAMAR: AÇÕES EM REDE A PARTIR DO MARANHÃO

PREAMAR: NETWORK ACTIONS FROM MARANHÃO

Frederico Silvaⁱ
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

O presente artigo discorre sobre o *Preamar*, projeto de ações em rede com foco na arte contemporânea do Maranhão. Nesse sentido, são apresentados os elementos que norteiam e motivam esse projeto coordenado por uma curadoria coletiva, formada por agentes atuantes em diferentes áreas do campo das artes visuais. Assim como as ações iniciadas no ano de 2022, entre exposições coletivas e residências artísticas, em São Luís e São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE

Preamar. Ações em rede. Maranhão. Arte Contemporânea.

ABSTRACT

This article discusses Preamar, a networked action project focusing on contemporary art in Maranhão. It presents the elements that guide and motivate this project, coordinated by a collective curatorship made up of agents working in different areas of the visual arts. As well as the actions started in 2022, including group exhibitions and artist residencies in São Luís and São Paulo.

KEYWORDS

Preamar. Network actions. Maranhão. Contemporary Art.

Preamar no cotidiano da ilha de São Luís remete ao movimento de vai e vem das marés, caracterizada pelas grandes variações que adentram o continente, influenciando a geografia até uma distância aproximada de 150 km do litoral. Fenômeno que norteia a chegada e partida das embarcações comerciais, dos barcos de pesca e transporte de pessoas para diferentes regiões. Maré cheia é sinônimo de vento forte, fluxo, abundância e alteração constante na paisagem local. São elementos que ultrapassam os ritos da vida prática, e se fazem presentes no campo afetivo, na maneira de sentir e olhar a cidade. É nesse mesmo sentido de força, continuidade e transformação, tão característico das marés, que encontramos um elo para traduzir a longa e constante trajetória das artes visuais no Maranhão. Um território potente,



caracterizado pela riqueza das singularidades que se espraia, invade, transborda e torna-se global.

Nesse sentido, o projeto *Preamar* teve como objetivo inicial mapear, expor e promover debates sobre a produção artística do Estado. Para isso, a ação ocorreu em três importantes espaços de exposição, pesquisa e formação da arte em São Luís e Alcântara. As exposições aconteceram simultaneamente, de 26 de abril a 30 de junho de 2022, no Chão SLZ e na Lima Galeria, com obras de 18 (dezoito) artistas: Ceramistas de Itamatatua, Claudio Costa, Dinho Araújo, Gê Viana, Genilson Guajajara, Ingrid Barros, Márcio Vasconcelos, Marcos Ferreira, Marlene Barros, Pablo Monteiro, Romana Maria, Silvana Mendes, Thiago Fonseca, Thiago Martins de Melo, Tassila Custodes, Tieta Macau, Ton Bezerra e Vicente Martins Jr.

O Chão SLZ é um espaço independente localizado na rua do Giz, Centro Histórico da capital maranhense e que foi fundado pela gestora cultural Samantha Moreira e pelo artista Thiago Martins de Mello em 2017. Um espaço experimentalmente voltado às práticas de formação não convencionais, ambiente propício para o diálogo e os processos elásticos de ampliação e troca direta de conhecimentos acerca da pesquisa no contexto da cultura visual e cultura contemporânea, dentro e fora do Maranhão. Ali são desenvolvidas diversas atividades entre exposições, seminários, performances, exhibições de filmes, projetos musicais e de residências artísticas. Local que se consolidou, nos últimos anos, pela ampla contribuição para o cenário artístico cultural da cidade. Do outro lado da ponte, na chamada cidade nova, está a Lima Galeria fundada por Marco Antônio Lima em 2020, espaço que além de ter abrigado parte da exposição também promoveu rodadas de conversas entre o público, os curadores e os artistas que falaram sobre os seus processos criativos. Assim, uma das estratégias foi promover ações em regiões diferentes da cidade e com isso atingir públicos diferentes.

Como mencionado, o *Preamar* avançou o continente propondo a realização de uma nova pesquisa e produção de obra colaborativa a partir da residência artística na Casa do Sereio em Alcântara, entre duas artistas convidadas do projeto em vivência junto ao Quilombo de Itamatatua. O espaço, fundado por Yuri Logrado em 2018, tem como objetivo desenvolver o pensamento crítico e experimental no campo das artes e da



cultura, de forma colaborativa e orgânica. A residência trabalha na pesquisa de visualidades e narrativas para criação de horizontes compartilhados e na troca de saberes com a comunidade. Os projetos são desenvolvidos de acordo com a proposta sugerida e não existe um formato padrão de residência. As ocupações são propostas pelos artistas e definidas coletivamente.

Alcântara é um território com muitas camadas, historicamente foi Tapuitapera, terra indígena dos tapuias e tupinambás. Posteriormente colonizada por franceses e portugueses, viveu um ciclo econômico agroexportador escravista no século 18. Com a desestruturação do sistema econômico, a região permaneceu habitada por comunidades rurais, com destaque para os povoados quilombolas e a formação de um território étnico-cultural. A partir dos anos 1980, é implantada uma base espacial, o Centro de Lançamento de Alcântara, o que gerou conflitos em virtude da desapropriação de terras. É tombada pelo IPHAN desde 1948 e considerada cidade monumento nacional pelo seu conjunto arquitetônico e paisagístico. Ainda, exerce influência cultural marcante em todo o estado do Maranhão, em função da festa secular do Divino Espírito Santo, de São Benedito e dos festejos tradicionais das comunidades rurais.

O projeto também contou com o apoio do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Maranhão, como forma de inserir o público acadêmico nesse processo. Enquanto docente do referido curso, o interesse em integrar a curadoria colaborativa do *Preamar* se deu, entre outros fatores, por perceber nos últimos anos a presença frequente de artistas maranhenses participando de exposições em instituições culturais pelo país. E por outro lado, em oposição a essa pujança da produção artística, observar a inércia de parte das instituições culturais públicas de São Luís em promover ações (exposições, seminários, etc.) afim de proporcionar ao público local o contato com essa produção que vem despontando no circuito brasileiro.

Somado à presença de alunas egressas do curso de Artes Visuais nesse circuito como Gê Viana e Silvana Mendes. Nesse sentido, essa parceria possibilitou durante os meses de exposição no Chão SLZ e Lima Galeria que os docentes ministrassem aulas nos referidos espaços colocando as alunas(os) em contato com as obras e desenvolvendo processos de mediação, ampliação de debates possíveis, trocas



efetivas entre professores e alunos na prática da visitação de uma exposição e da experiência transformadora de estar perante às obras, *in loco*. Nesse sentido, o projeto foi exitoso no objetivo de fomentar e ampliar o debate sobre a produção artística do Estado, e de algum modo chamar a atenção dos museus e instituições culturais públicas locais sobre a necessidade de promover ações no campo das artes visuais.



Imagem 1: Vista da exposição *Preamar* no espaço Chão slz. Abril de 2022. São Luís-MA. Foto: Samantha Moreira.



Imagem 2: Visita dos alunos do curso de Licenciatura em Arte Visuais da Universidade Federal do Maranhão à exposição *Preamar* no espaço Chão SLZ. São Luís-MA. Foto: Dinho Araújo.

A partir das ações das exposições, residências e conversas com os artistas abertas ao público, foi possível identificar as relações espontâneas e ressonâncias que reafirmam/revelam, por meio de linguagens, técnicas e suportes distintos – fotografia, pintura, escultura, foto-colagem, lambe, vídeos e performances –, a potência de uma produção desenvolvida a partir de imersões em temas locais. Nas obras encontram-se pesquisas teóricas e práticas debruçadas em fatores históricos e experiências pessoais dos artistas. Ou seja, compreender o presente, requer um imediato retorno ao passado como forma de reelaborar questões e ampliar as possibilidades de interpretação. Sobre esse contexto a estudiosa Alessandra Paiva (2022, p. 33) destaca:

Visando abarcar maior pluralidade para as narrativas históricas em torno das artes, há um processo teórico em curso ao longo do século 20 que visa à desconstrução da terminologia ‘universal’ na história da arte (e, conseqüentemente, seus reflexos na crítica e na teoria da arte) como campo de conhecimento que secularmente atribuiu valor e legitimidade à obra de arte a partir de uma visão eurocêntrica, que acabou por produzir a subalternização das produções africanas, americanas, asiáticas e oceânicas, por meio de diferenças conceituais (por exemplo, entre arte e artesanato), geopolíticas (por exemplo, entre o norte e o sul globais) ou raciais (influenciadas pelas teorias do racismo científico).

Diante desse cenário singular, com o debate e reelaboração de questões próprias da cultura maranhense como o folclore, o bumba meu boi, o tambor de crioula, e também



a proposição de temas de interesse público como as discussões de gênero e raça, artistas negros, afrodescendentes, indígenas e quilombolas tem suas obras ancoradas em referências locais, pautadas em pesquisas desenvolvidas em diferentes regiões do Estado como a Baixada maranhense. Uma região repleta de referências culturais indígenas e de matriz africana que apontam elementos importantes sobre a nossa formação. Assim como as investigações na literatura e na iconografia brasileira oitocentista. Assim, o Maranhão se apresenta como um ecossistema amplo de possibilidades, e a produção artística local entende esse lugar como centro decisivo na forma de pensar e fazer arte. Nesse sentido, o pensamento do pesquisador martinicano Malcom Ferdinand (2022, p. 33) reforça a compreensão sobre essa ideia de lugar:

Eu faço do mundo caribenho um palco de pensamento da ecologia. Pensar a ecologia a partir do mundo caribenho é a proposta de um deslocamento epistêmico dos pensamentos do mundo e da Terra no coração da ecologia, ou seja, uma mudança de cena das produções de discursos e de saberes.

São aspectos que vão ao encontro de um momento de mudança no campo das artes visuais brasileira que também pode ser compreendido, de acordo com Paiva (2022, p. 15), como uma virada decolonial: “fenômeno marcado pelo crescimento exponencial de poéticas que expressam questões de raça, etnia, classe, gênero e geopolítica articuladas de forma interseccional”.

Portanto, entendemos que os trabalhos dos artistas maranhenses apresentados formam um conjunto exemplar, permitindo o diálogo com a arte produzida no contexto brasileiro e internacional, seja no campo da produção como no debate teórico e crítico a partir da possibilidade de se estabelecer, de acordo com Anne Lafont (2023, p.11):

[...] uma complexificação da história da criação plástica e da cultura material à luz de um aprofundamento da interpretação das implicações sociais e políticas na arte. [...] e pela valorização da confrontação dos nossos materiais com teorias englobantes que vão para além da história interna das formas.



Imagem 4: Entrada da exposição *Preamar* na Lima Galeria. Abril de 2022. São Luís-MA. Foto: Samantha Moreira.



Imagem 3: Exposição *Preamar* na Lima Galeria. Abril de 2022. São Luís-MA. Foto: Chuseto



Nesse sentido, buscamos, a partir de diferentes linguagens, ampliar o campo de percepção sobre a produção dos artistas, com a presença de obras que tratam de temas relacionados às questões raciais, políticas de afirmação, rituais de encantaria e festas populares, sublinhando a potência da produção artística do Estado. Um conjunto que acaba por configurar um *corpus* importante para a compreensão da arte no Maranhão nas últimas décadas, acentuando a qualidade de artistas de gerações diferentes, com presença no circuito artístico brasileiro e internacional.

Ações a partir do Maranhão

Após o primeiro ciclo de atividades do *Preamar*, e uma surpreendente reverberação do projeto no circuito artístico nacional e da mídia nacional, fomos convidados a participar da *SP Arte Rotas Brasileiras* de 24 a 28 de agosto de 2022, em São Paulo, como um dos nove projetos que mapeiam novas frentes da produção nacional. Para isso, foi preciso fazer um recorte dos trabalhos expostos em São Luís, e com uma nova proposta curatorial, três artistas – Dinho Araújo, Márcio Vasconcelos e Silvana Mendes – tiveram suas obras selecionadas com a tarefa de representar a multiplicidade da produção maranhense.

Como extensão desse movimento, vale destacar a aquisição de obras pelo Banco do Nordeste Cultural na ocasião do Projeto *Banco do Nordeste Novas Aquisições: coleção Maranhão* ocorrido em novembro de 2022. A instituição incorporou ao seu acervo obras de 5 (cinco) artistas: Dinho Araújo, Claudio Costa, Gê Viana, Márcio Vasconcelos, Tieta Macau e Ton Bezerra. Momento em que Samantha Moreira e Frederico Silva são convidados a integrar o coletivo de curadores do projeto no Nordeste, sendo responsáveis pela indicação dos artistas e obras para a aquisição do programa no Maranhão, e também a realização da exposição no Chão SLZ junto à Jacqueline de Medeiros, curadora geral do acervo do Banco do Nordeste.

Esse programa abre um novo ciclo em 2023, com a itinerância da exposição e a realização dos seminários *Nordeste Expandido - estratégias de [re] existir*, onde estão reunidas as 216 obras adquiridas, entre elas dos artistas maranhenses, e a participação dos curadores e artistas nos estados pelos quais o projeto deve circular até 2025. Até agora aconteceu em novembro de 2023 no Recife, com a participação



de Samantha Moreira e Frederico Silva apresentando o *Preamar*, entre outras frentes de pesquisa, e Dinho Araújo e Tieta Macau em uma das outras mesas de debate. Em março de 2024 a exposição abre em Fortaleza, e tem a participação de Silvana Mendes no seminário. Em julho, do corrente ano, acontecerá em Natal (RN), com performance prevista de Ton Bezerra, e em setembro acontecerá em São Luís (MA), com coordenação local e interlocução direta dos integrantes do *Preamar*.

O *Preamar*, idealizado coletivamente com a curadoria colaborativa de Frederico Silva, Samantha Moreira, Yuri Logrado, Marco Lima e Germano Dushá, surgiu da vontade de estabelecer conexões e formar ações em rede se desdobrando num conjunto de eventos entre palestras, oficinas e, sobretudo, trocas de experiências engrandecedoras. Com o desejo de contribuir e fomentar o campo artístico e cultural promovendo diálogos entre artistas, curadores, professores, estudantes, pesquisadores, e com o público em geral. A partir dessa confluência entre observar, escutar, compreender e principalmente aprender que o *Preamar* planeja novas ações com o objetivo de construir um movimento de equilíbrio entre artistas com pesquisas, processos e atuações a partir do Maranhão.



Referências

LAFONT, Anne [1970–]. **A arte dos mundos negros: história, teoria e crítica.** [Tradução Rita Paschoalin, Leo Gonçalves, Vivian Braga dos Santos]. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

MALCOM, Ferdinand. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho.** Tradução: Letícia Mei; prefácio Angela Davis; posfácio Guilherme Moura Fagundes. – São Paulo: UBU Editora, 2022.

PAIVA, Alessandra Simões. **A virada decolonial na arte brasileira.** – Bauru, SP. Mireveja, 2022.

ⁱ Professor Adjunto do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Maranhão. Doutor em História, Teoria e Crítica de Arte pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5144724170689435>
Email: fredericoufma@gmail.com